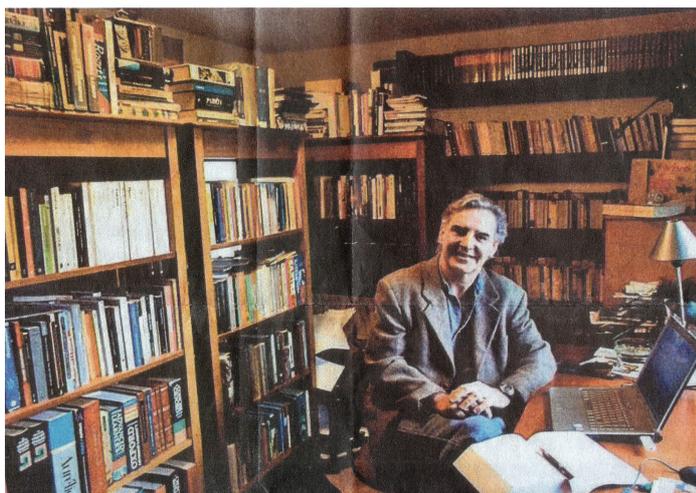


## Um pensamento dissonante

**P**ós-doutor em História Econômica pela London School of Economics and Political Science, o mineiro Sérgio Birchal trata a crise europeia falando sobre petróleo, mudanças sociais e de hábitos. Nada de papo contra o capitalismo. Ele defende o

mercado, que, diz, no mundo sofre uma estagnação por falta de inovadores. A inovação é a chave, insiste, na linha do famoso economista do século passado Joseph Schumpeter, da República Checa. Confira a entrevista de Birchal ao repórter Giovanni Sandes.

“Estou tentando mostrar a quantidade de problemas que existem em função de que muitas coisas ficaram anacrônicas, ficaram velhas, não funcionam mais. Você tem a emergência da China, da Índia, do próprio Brasil...”



**JORNAL DO COMMERCIO – O senhor tem uma posição fora da linha de outros economistas ao tratar da crise. Qual é a diferença?**

**SÉRGIO BIRCHAL** – A diferença é que os economistas, de uma maneira geral, veem a economia como tendendo ao equilíbrio. A situação saudável da economia é que ela esteja equilibrada. E isso, apesar de trazer algumas vantagens em termos de ferramentas econômicas, dá para eles uma visão de curto, no máximo de médio prazo. Minha visão é uma visão de mais longo prazo. Eu enxergo a crise de uma natureza mais ampla enquanto eles de uma maneira mais específica, de setores, finanças do governo, que são muito mais a consequência do que a causa.

**JC – E essa abordagem mais ampla significa o quê?**

**SÉRGIO BIRCHAL** – Perspectivas diferentes de como a economia funciona. No meu ponto de vista, o que faz a economia funcionar são as inovações. É isso que dá essa dinâmica às vezes espetacular, às vezes trágica para o capitalismo. As inovações trazem consigo mudanças que não se restringem só ao campo econômico.

**JC - Então estamos em uma crise porque não temos inovações?**

**SÉRGIO BIRCHAL** - A gente está numa crise da intensificação da tecnologia, com a capilaridade e difusão da microeletrônica. Até a década de 80, ela ainda não tinha revolucionado todos os setores da economia. A partir de então se difundiu de forma espetacular, um crescimento fenomenal. Mas as instituições, a estrutura, a forma de trabalhar, de organizar a produção, tudo é antigo. A tecnologia da informação traz uma dinâmica enorme, mas pede outras instituições, outras regras do jogo, forma de trabalhar, viver, ver o mundo e fazer transações.

**JC - Há um descasamento entre as instituições e a realidade?**

**SÉRGIO BIRCHAL** - A economia que dá suporte às transações virtuais, digamos assim, é em larga medida pensada para a sociedade do início do século XX, quando se criou o automóvel e se descobriu que o petróleo poderia ser usado como fonte de energia. Essas soluções funcionaram bem quando a economia mundial e o número de países que participavam efetivamente desse sistema eram muito menores, tudo restrito a Estados Unidos e Europa ocidental. Para aquela economia funcionava o estilo de vida intensivo em energia pouco renovável, commodities metálicas pouco ou nada renováveis. Mas depois da introdução da informática, houve uma dinâmica muito maior e, só para citar um exemplo institucional, hoje no geral não há leis que regulem crimes na internet.

**JC – O setor público é uma área em que isso se destaca mais?**

**SÉRGIO BIRCHAL** – A administração pública é um pouco mais complicado, porque tem a ver com o sistema político, que ainda é bastante arcaico e tira benefícios dessa burocracia que não funciona. Claro, é preciso fazer intervenções para melhorar a qualidade da gestão estatal. Mas não é só melhorar. É melhorar em que direção? Não é só “vamos trabalhar”. De que forma as pessoas vão ser avaliadas? Com que mentalidade vou tratar as pessoas? Você pega o exemplo de Belo Horizonte. O governo de Minas Gerais gastou um dinheiro enorme com um centro administrativo belíssimo, desenhado por Oscar Niemeyer. Mas criou um fluxo de dezenas de milhares de pessoas que, todo dia, se locomovem de várias partes de Belo Horizonte para ir ao centro administrativo no mesmo horário e voltar no mesmo horário...

**JC – E criou engarrafamentos?**

**SÉRGIO BIRCHAL** – Isso, quando você está precisando é de mobilidade. Com a informática, o mundo virtual é mais rápido que o real. Você tem que melhorar, mas também inovar a administração pública. Tem que pensar em outra forma de trabalho que seja mais condizente com a nova realidade que a microeletrônica trouxe, que provavelmente a biologia e a nanotecnologia vão trazer. E você tem ainda o problema do beco sem saída tecnológico. Você não tem alternativa ao petróleo. Nossa sociedade é a sociedade do petróleo. A nossa comida envolve petróleo, porque fertilizante é feito à base de derivados de petróleo. Ou seja, não estamos falando só de combustível.

**JC – Mas há tentativas de se encontrar um substituto...**

**SÉRGIO BIRCHAL** – Não é de agora que se alerta. Na década de 70 já estava claro que o petróleo seria um problema no futuro próximo. Não foi feito nada. O Brasil no passado fez o Proálcool. Na briga do pré-sal esqueceu também o programa de biodiesel. Não se deu nenhum apoio ao desenvolvimento da cadeia do álcool. Veja, não é só etanol. Você pode fazer placas a partir de cristal de açúcar que são absorvidas mais rapidamente na natureza, trazem menos poluição. Você poderia estar desenvolvendo esse material. Seria, talvez, uma alternativa. Não sei se vai chegar a ponto de substituir totalmente o petróleo. Mas é o momento em de investir em inovações.

**JC - As instituições reagem contra as inovações?**

**SÉRGIO BIRCHAL** - As próprias pessoas resistem. Nossas escolas ainda ensinam para o mercado de trabalho. Não estimulam a curiosidade, criatividade, imaginação. Na aula o professor fala, fala. Na prova, pergunta em cima daquilo que ele falou e você vai ter que responder aquilo lá. É mero uso de memória. Não precisa de reflexão. Só que o mundo é cheio de perguntas sem respostas e o que eu preciso é de pessoas com capacidade para refletir. Preciso de outras metodologias, outra abordagem. Estou tentando mostrar a quantidade de problemas que existem em função de que muitas coisas ficaram anacrônicas, ficaram velhas, não funcionam mais. Você tem a emergência da China, da Índia, do próprio Brasil...

**JC – Para ganhar esses mercados as empresas não têm que inovar?**

**SÉRGIO BIRCHAL** – A maioria das empresas só transferiu a produção para a China para produzir mais e barato. É claro que em alguns setores, principalmente nos mais ligados à informática, há transformações. Mas essas empresas já estão ganhando dinheiro e não têm interesse em deixar uma situação em que já estão lucrando. Por que é que vou mudar uma coisa que está funcionando? As empresas têm que pensar em soluções novas. Steve Jobs [1955-2011, empresário americano, criador da Apple] é um ícone de percepção. Ele trouxe isso. Não fazia só computador pessoal. Por trás, o negócio dele era a facilidade da pessoa interagir com várias mídias. Claro, isso está no nível da empresa. Mas no nível macroeconômico, a difusão da microeletrônica exacerba o que antes não era, mas se tornou problemático. Há uma série de perdas e ganhos, porque o modelo antigo não funciona mais. O petróleo não é uma fonte de energia para abastecer o mundo com muitos países consumindo ao mesmo tempo. Não adianta é botar mais carro na rua.

**JC – Nesse sentido, é uma contradição o governo federal incentivar a compra do carro e apresentar como solução para o trânsito o transporte coletivo?**

**SÉRGIO BIRCHAL** – Já passou da hora de países como o Brasil adotarem o transporte coletivo. Sou a favor do transporte coletivo em lugar do individual. Mas vamos discutir. O que vai mover ele? Que energia? A gente pode imaginar o mundo sem automóvel? Temos que imaginar coisas que não existem. As mudanças são grandes e exigem outras respostas. São os problemas de uma sociedade que começa a ser modificada por um novo paradigma técnico-institucional, a forma como as pessoas pensam e se relacionam. A sociedade demora a se adaptar a isso e as soluções são para que ela possa se desenvolver. Mas você vai adiando a solução do problema a ponto de gerar uma crise que não é mais financeira, não é mais econômica. Transforma-se em crise política, social.

## **JC – As crises são necessárias?**

**SÉRGIO BIRCHAL** – A história do capitalismo tem mostrado que elas são inevitáveis. É o que Schumpeter [Joseph Alois Schumpeter, economista checo – 1883-1950] chamava de destruição criativa. A história nos diz isso. Eu não prevejo o futuro, não tenho bola de cristal. Mas o que temos visto é que as políticas neoliberais e keynesianas têm fracassado. A crise só está piorando. Não adianta tentar trazer a economia de volta ao equilíbrio, querer rebalancear o comércio externo dos EUA. Não vai rebalancear, porque os Estados Unidos não têm mais a mesma base fabril. Eles usufruíram demais o fato de as empresas levarem suas unidades para a China e produzirem a um custo muito mais barato. Você não vai desfazer isso. Precisamos de novas concepções, pensar com maior alcance. Criar novos negócios, que possam permitir o desenvolvimento dessa nova sociedade. Veja a União Europeia, manca desde o nascimento. Se fez união monetária, mas não fiscal. Olha as dificuldades de tentar modificar isso. Quanto tempo vai levar? A Alemanha não quer, os países nórdicos não querem. É difícil mudar. Uma das soluções é rever a zona do euro. Não tem saída. A não ser que a Europa vire um país, como o Brasil, que une economias tão diferentes como São Paulo e Amazonas e, no final, todos pagam a conta juntos.

**JC – Estamos na “Idade da Pedra”  
nessa forma mais horizontal, mais di-  
reta e integrada de pensar?**

**SÉRGIO BIRCHAL** – Acho que a gente está. Vejo empresas que não permitem que seus funcionários acessem coisas na internet, com medo de que tratem de assuntos pessoais. Mas as pessoas têm internet no celular. Como você resiste a isso? É uma visão econômica com aspectos sociais, filosóficos e questões práticas mesmo, do dia a dia. Quer ver uma coisa? Os médicos antigamente comparavam o corpo humano a uma máquina e hoje comparam a programação. Vou pegar uma célula-tronco e vou fazer ela desenvolver um órgão ou então manipular o gene do bebê para ele nascer com o olho de cor tal. Deixamos de ser máquinas prontas para sermos programações. É o sinal de novas concepções, novos paradigmas. E os governos poderiam dar sua contribuição nesse debate. Mas o mais importante é entender que a crise não está restrita ao campo econômico e qualquer medida que você tomar agora não vai resolver a crise. Pode mitigar, não resolver. Isso deveria levar as pessoas da sociedade a refletir sobre o que está errado e o que a gente poderia fazer para melhorar isso tudo.